



## Editorial

Chegaram finalmente as férias do verão e é tempo de descansar um pouco, embora para alguns elas podem tardar mais (ou mesmo não acontecer)... Tal como na escola, as sessões de Catequese também terminam por agora. O Badaladas também vai entrar de férias, mas voltará no início da Catequese.

Queremos voltar a agradecer a todos os que têm contribuído para que esta iniciativa (quer aos que contribuem diretamente para a sua elaboração, quer aos que o adquirem), permitindo a angariação de fundos para as atividades da Catequese.

Terminou mais um ciclo de catequese e fazem-se os balanços deste ano, esperando ter conseguido aumentar a Fé dos nossos jovens. Contudo, esta vocação para catequizar e formar a futura geração de cristãos carece da ajuda de todos e, particularmente, de mais catequistas, para semear a Palavra, como se apela neste número.

Nesta edição, além de darmos a conhecer as festas realizadas neste período após a Páscoa, debruçamo-nos sobre a utilização do incenso durante a Eucaristia e a importância de reaprendermos ou revisitarmos o "Pai-Nosso", para que esta magnífica oração ensinada por Jesus, não se torne uma fórmula memorizada, desprovida de sentido.

Além dos passatempos habituais (tão propícios em tempo de férias), recolhemos as palavras do Papa Francisco sobre aquilo que é o sentido e a esperança de uma vida que tem de passar inevitavelmente pela morte, para alcançar a promessa do paraíso.

Boas férias!

*A equipa da Catequese*

## Nem todos gozam férias...

Neste número do "Badaladas" convidamos a comunidade a pedir, na sua oração, que as férias de todos sejam serenas, profícuas e retemperantes.

Apelamos, também, à oração pelo verão dos que não podem fazer férias, porque estão impedidos pela sua idade, por motivos de saúde ou de trabalho, por limitações económicas ou outros problemas.

Convidamos também a comunidade para aproveitar o tempo de verão para um aprofundamento espiritual, revisitando a Bíblia e a sua leitura mais pausada e refletida, de modo a que neste tempo de menor reboição da vida quotidiana tenhamos mais tempo para "ouvir" a Palavra de Deus.

## Nesta edição:

- Festas da Catequese
- Semeando a Palavra
- É tempo de balanço
- De regresso ao "Pai-Nosso"
- Que é o "Amém"?
- Porquê usar incenso na Igreja?
- Passatempos
- O Cantinho do Papa: a promessa do Paraíso após a morte.

# Festa do Pai-Nosso

No passado dia 29 de abril, o grupo do 2.º ano da Catequese celebrou a Festa do Pai-Nosso.

Estas crianças receberam as palavras desta oração que Jesus ensinou, para nunca nos esquecermos de estar junto de Deus com a confiança de filhos e de olharmos para os outros como irmãos. Para este momento se prepararam e interiorizaram ao longo do ano não as palavras desta oração, mas principalmente o seu profundo significado.

No momento do Pai-Nosso, a comunidade que assistia à Eucaristia deu as mãos e, conjuntamente com o grupo de crianças, rezou o Pai-Nosso.

Grupo do 2.º ano



# Festa da Profissão de Fé

No passado dia 13 de maio decorreu a Festa da Profissão de Fé, que contou com a participação de 13 jovens, que frequentaram o 6.º ano de Catequese.

A Festa da Profissão de Fé, é a confirmação e o consentimento próprio, livre e individual de cada cristão face aos compromissos, antes assumidos pelos pais e pelos padrinhos, no Sacramento do Batismo. Os jovens renovam o compromisso e professam a própria fé perante Deus, perante eles próprios e perante a toda a comunidade.

Neste dia, decorreu também um Batismo que veio enriquecer toda a celebração, tendo possibilitado aos jovens assistir *in loco* à confirmação de iniciação do Sacramento. Esta celebração tem um rito basililar que é a oração do Credo, em que todos juntos, mas em nome individual, cada participante compromete-se a renunciar ao mal simbolizado por Satanás e depois profere e exclama a sua crença na fé em Deus e na Sua Igreja. Acreditamos que os nossos catequizandos, após a celebração da Festa da Profissão de Fé, vão querer continuar o exercício, ou a prática, da fé na vivência do dia a dia.

Assim, a Profissão de Fé é a confissão solene da Fé cristã que abrange a certeza e o compromisso de a viver.

Grupo do 6.º ano



# Festa do Compromisso

No dia 18 de junho o grupo de jovens do 9.º ano celebrou a Festa do Compromisso, onde apresentaram o seu compromisso perante a comunidade: “Comprometo-me a amar o meu Senhor, correndo o risco de ser criticado por manifestar e acolher tal amor porque estou consciente da ousadia necessária. Quem ama a Deus manifesta-o por palavras e atitudes e quem ama quer encontrar-se com Deus no amor.



Comprometo-me a acreditar num só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A acreditar na vida eterna. A acreditar que as pessoas são um sinal de Deus e que Ele nos ama apaixonadamente. Acredito que vale a pena entregar a vida pelos outros de forma desinteressada. Comprometo-me a acreditar que sou membro respon-

sável da comunidade cristã onde celebro e partilho a fé.

Comprometo-me a celebrar cada gesto, cada alegria que Deus nos dá, celebrando Deus com os outros, espalhando a Sua mensagem, continuando a missão dos Apóstolos. Celebrarei a alegria de um mundo novo em cada passada do meu caminho.

Comprometo-me a viver cada momento em estreita ligação com Deus, o meu Senhor. A viver com alegria e entusiasmo o caminho que Deus tem para mim. A viver com honra e dignidade a minha vida em busca do trajeto mais feliz, testemunhando a alegria de ter optado por Jesus Cristo.”

*Grupo do 9.º ano*



## Festa do Envio

Os jovens do 10.º ano, recém crismados, foram enviados pelo Pe. Dionísio, com as seguintes palavras: “Caros jovens, ao longo desta caminhada de catequese, foram-vos transmitidos a Palavra de Deus e os valores humanos e cristãos como o amor ao próximo, a caridade e a disponibilidade para o serviço aos outros. Muitas pessoas estiveram comprometidas no vosso acompanhamento, dando o seu melhor, gastando o seu tempo com todo o carinho. Agora é a vossa vez de serdes pedras vivas da Igreja do Senhor!

Agora que já sabeis o que Cristo vos diz:

Ide e dai coragem e confiança a todos aqueles que na vida hesitam.

Ide e anunciai que Jesus Cristo é o Caminho certo.

Ide e anunciai que Jesus está com cada um sempre e em todo o momento.

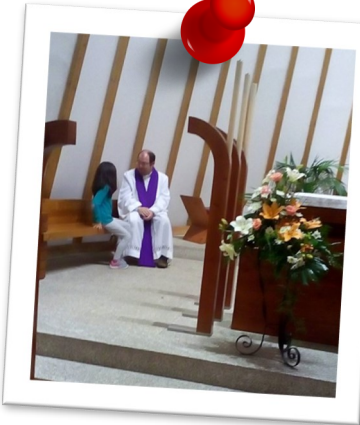
Ide e lançai pontes para unir e reconciliar.”

A estas palavras responderam os jovens: “Assim seja!”

Que Deus lhe conceda a força nessa caminhada!

*Grupo do 10.º ano*

# Festa do Perdão



No passado dia 29 de maio, os meninos e meninas do 3.º ano das paróquias de Santa Maria, São José e Vila do Carvalho celebraram a Festa do Perdão, momento em que, pela primeira vez, se iriam dirigir ao Sr. Padre para realizar a sua primeira reconciliação. E que nervosos eles estavam!

Após o cântico inicial “Eu tenho um amigo que ama!”, em que o Pe. Dionísio tocou a guitarra a acompanhar, leu-se, numa forma dialogada, a parábola do filho pródigo a partir do Evangelho de S. Lucas (Lc 15: 11-24).

Após uma pequena homilia para reflexão do mesmo, os meninos e meninas realizaram o seu exame de consciência, após terem sido ajudados a relembrar algumas faltas que pudessem ter cometido. Foram posteriormente encaminhados para fazerem a sua confissão e receber o perdão de Deus.

No final, após cantarem novamente, sentiam-se felizes e o seu nervosismo já não existia.

*Grupo do 3.º ano*



# Festa da Primeira Comunhão

No dia 31 de maio realizou-se a grande festa da primeira etapa da Catequese da infância.

Pela primeira vez receberam Jesus no coração, comungando-O na Eucaristia.

Juntamente na celebração houve o batizado de uma menina do grupo do 3.º ano, que também efetuou a sua primeira comunhão, tornando a Festa ainda mais especial, cantando com o Grupo Coral da Catequese que ensaiou o Grupo e seus pais.

*Grupo do 3.º ano*



# A Parábola do Semeador

Disse Jesus às multidões: “Escutai: o semeador saiu a semear. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves e comeram-na.

Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter profundidade de terra. Mas, quando o sol se ergueu, foi queimada e, por não ter raiz, secou. Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto. Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um.” (...)

O semeador semeia a palavra. Os que estão ao longo do caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; e, mal a ouvem, chega Satanás e tira a palavra semeada neles. Do mesmo modo, os que recebem a semente em terreno pedregoso, são aqueles que, ao ouvirem a palavra, logo a recebem com alegria, mas não têm raiz em si próprios, são inconstantes e, quando surge a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, logo desfalecem. Outros há que recebem a semente entre espinhos; esses ouvem a palavra, mas os cuidados do mundo, a sedução das riquezas e as restantes ambições entram neles e sufocam a palavra, que fica infrutífera.

Aqueles que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra, a recebem, dão fruto e produzem a trinta, a sessenta e a cem por um.”

*Mc (4:3-20)*

## Semeando a Palavra

Na preparação para a primeira comunhão, muitos foram os temas abordados com o grupo do 3.º ano. Contudo, debruçámo-nos de forma particularmente atenta na Parábola do Semeador (ver página anterior), de modo a envolver não só as crianças como as suas famílias.

Assim, com alguma antecedência demos às crianças um saquinho com sementes de trigo, após a leitura da Parábola referida.

Preparámos um tabuleiro dividido em três partes: uma com pedras, outra com espinhos e a última com terra fértil. Em seguida deitámos sementes para cada uma das partes e, semana a semana, fomos vendo e acompanhado a evolução do crescimento das sementes.

Também em casa, as crianças e as famílias depositaram as suas sementes em recipientes com terra e acompanharam a sua evolução. No dia da primeira comunhão as crianças trouxeram os seus recipientes, mostrando de forma entusiasta que o trigo tinha germinado e crescido, depositando-os ao pé do altar, símbolo de que cada um dos meninos e meninas se tornou terreno fértil para plantar, germinar e fazer crescer a semente da Palavra.

*Zélia e Maria José, Catequistas do 3.º ano*

## Catequistas precisam-se!

Os pais são os primeiros Catequistas dos seus filhos. É na família que a criança faz a primeira experiência de Deus.

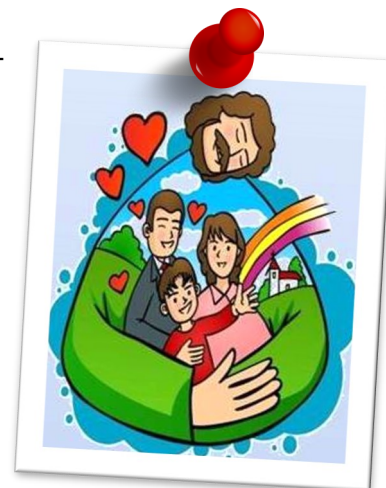
Contudo, como o próprio Jesus disse, “a messe é grande, mas os trabalhadores são poucos” e todos nós cristãos (com ou sem filhos) temos de assumir com os pais a responsabilidade para com os jovens da nossa comunidade: preparar com Fé, responsabilidade, amor e alegria, a próxima geração de cristãos.

É este o nosso tempo! Cabe-nos a nós, no nosso tempo, zelar por eles. Assim, apelamos à vossa participação e ajuda para os prepararmos numa Fé esclarecida e bem enraizada na Palavra de Deus, que dê fruto e não desanime num terreno mas rochoso ou espinhoso.

**Que a desculpa de “eu nunca dei catequese...” não seja motivo de desânimo! Se pensarmos bem, todos os catequistas nunca tinham dado catequese até o terem feito!**

Estão à disposição guias de preparação dos catecismos (não é preciso inventar a catequese!), fornecidos pela comunidade; existe sempre a ajuda dos catequistas já existentes e da sua coordenadora, que orientam e partilham experiências e material para as sessões; bem como o acompanhamento do Pe. Dionísio e do nosso Diácono.

Tudo está a postos para vos acolher!!!





## É tempo de balanço

Chegados ao final do ano é prática do grupo, que neste ano completou o 8.º ano, efetuarmos um “balanço” final e de refletirmos aquilo que foi abordado ao longo do ano. Neste o ano, sob o tema “Somos +” o grupo foi sendo confrontado com diversos temas, que explorámos, chamando-os à importância da vivência espiritual através do desenvolvimento de uma relação mais íntima e pessoal com Deus e pela necessidade de des-  
pertar um olhar atento para os outros e as suas necessidades.

Ao reunirmos as ideias, e durante a elaboração do texto para enviarmos para este espaço, surgiu a inspiração de adaptar aquilo que tínhamos feito a uma música/canção, algo que nunca tínhamos feito antes. Esta canção foi cantada no final da Eucaristia do encerramento do ano catequético e cuja letra deixamos em baixo.

O Grupo do 8.º ano



### CRISTO EM MIM (ADAPTADO DA MÚSICA “SOMOS UM”)

Ao passar o ano eu sei que nem tudo correu como esperei.  
Houve coisas que eu ouvi, experiências que senti e refleti.  
E penso mais assim, que há mais vida além de mim.  
Que há outros em quem devo pensar.  
Pois se eu for até ti, então tu não mais estarás só,  
pois sentes também Cristo em mim.

***Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim. Tenho  
Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim.***

E acho que hoje entendi, que afinal não foi só tempo que eu perdi.  
A Catequese me mudou, ao pensar mais em Jesus e como Ele amou.  
E agora eu entendo, que todos temos talento.  
E que as diferenças não nos devem parar.  
Quando eu ponho ao serviço o meu tempo e o meu sorriso,  
eu mostro-te que tenho Cristo em mim.

***Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim. Tenho  
Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim.***

Tenho Cristo em mim e já consigo perceber,  
que ser feliz é bem mais do que ter.  
E Jesus está aqui e sem saber segui Seu plano:  
Aumentei a minha Fé neste ano.

***Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim. Tenho  
Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim. Tenho  
Cristo em mim, Cristo em mim, Cristo em mim.  
Tenho Cristo em mim...***



## Ação de Graças: Dia da Mãe

Virgem Maria!

A Ti que disseste um “Sim” incondicional  
Pedimos-te por nossas mães,  
sinal concreto e visível do teu amor entre nós.  
Multiplica os seus dias!  
Acompanha-as na alegria e na tristeza,  
no seu trabalho e nos momentos de lazer,  
tanto de dia como de noite!  
Que a tua bênção cubra de luz a vida das nossas mães para que,  
inundadas de ti, sejam sempre mais  
Presença do divino nas nossas vidas.  
Amém



Igreja da Santíssima Trindade  
Covilhã Portugal

## Grupo Coral da Catequese

É já com saudade que dirigimos o nosso especial agradecimento a todos os que colaboraram no Grupo Coral da Catequese. Em setembro estaremos cá novamente para receber todos quantos desejem participar.

Saudações musicais,

A equipa do  
Grupo Coral da Catequese



## De regresso ao “Pai-Nosso”

Como qualquer homem, Jesus aprendeu a orar. Aprendeu certamente fórmulas de oração, particularmente com a sua Mãe que conservava e meditava no coração todas as maravilhas feitas pelo Onnipotente (Lc 2, 19.51 ). Rezou com as palavras e ao ritmo da oração do seu povo, na Sinagoga de Nazaré e no Templo de Jerusalém (Lc 2,41; 4, 16). Mas a sua oração brotava numa fonte mais secreta: Deus Pai. Insere-se na mais íntima relação filial entre o Pai e o seu Filho Único. Daí a constância da sua oração: muitas vezes se retirava para a solidão, especialmente de noite, para orar (cf Mc 1, 35). Fazia-o com mais intensidade antes dos momentos importantes da sua vida e missão (Lc 6, 12; 9,29; 11, 1; 22,39-46). Como ato de total entrega ao Pai, leva os homens e ofereceu-os, oferecendo-se a si mesmo (Mt 11, 25-30).

Uma tal vida de oração e os efeitos que produzia, não podiam deixar de dar nas vistas. Por isso, disse-Lhe um dia um dos discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11, 1). Um pedido que é uma oração que nasce da oração. De facto, quando Jesus ora já nos ensina a orar. Aprende-se a rezar pela experiência da oração, nos outros e em nós próprios.

Em Jesus, a oração era uma das expressões mais vivas do Reino de Deus que anunciava. Por isso, insiste na conversão do coração desde o sermão da montanha: a reconciliação com o irmão antes de apresentar a oferta no altar; o amor aos inimigos, e a oração pelos perseguidores; orar ao Pai “no segredo” (Mt 6, 6); não se perder em fórmulas palavrosas; perdoar do fundo do coração na oração; a pureza do coração e a busca do Reino (CIC 2608). Esta conversão abre-nos as portas do coração para Deus, a quem, como filhos e com Jesus, podemos chamar Pai. E quando o fazemos de coração, Ele passa a reinar mais em nós, como com Jesus.

Contudo, o ritmo próprio da oração comunitária, que pode ser tão diferente da oração pessoal, pode ser um fator que induz a uma mera repetição de fórmulas decoradas. Sem reflexão. Sem sentimento. É neste sentido que propusemos ao grupo do 8.º ano (também em consonância com a revisão do texto do “Pai-Nosso” que tem vindo a ser preparada pela Igreja, para aproximar a mesma às palavras originais de Jesus), uma “revisão” a esta oração, de modo a que ela não seja meramente memorizada, mas sempre sentida na sua proclamação.

<b>Pai Nosso, que estais nos Céus,</b>	Olá Pai! Tu estás sempre connosco.
<b>santificado seja o Vosso Nome,</b>	Que o Teu nome signifique sempre e para todas as pessoas “Amor” (mesmo para as que não creem em ti).
<b>venha a nós o Vosso Reino,</b>	Deixa-nos participar na realidade que propões,
<b>seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu</b>	em que o Amor a ti e ao próximo são o sentido da vida, onde quer que estejamos.
<b>O pão nosso de cada dia nos dai hoje,</b>	Por favor alenta-nos, encoraja-nos com a Tua Palavra, entende as nossas ânsias e ajuda-nos a superá-las.
<b>perdoai-nos as nossas ofensas</b>	Por favor perdoa-nos, porque por vezes queremos que o mundo gire à nossa vontade.
<b>assim como nós perdoamos a que nos tem ofendido,</b>	Mantém-nos abertos e disponíveis a perdoar os outros que também por vezes querem que o mundo gire à sua vontade.
<b>e não nos deixeis cair em tentação,</b>	Vive em nós e ajuda-nos a optar pelo Bem, pelo Amor e pela verdadeira felicidade,
<b>mas livrai-nos do mal.</b>	E que Tua luz disperse em nós as trevas do egoísmo e afaste a presença do Maligno.



Branca Palinhas, Catequista

## Quem é o “Amém”?

Nos Evangelhos, Jesus ensina-nos a rezar o Pai Nosso, mas sem o "Amém". Na missa, nós dizemos muitas vezes "Amém". Afinal, o que significa essa palavra e qual é a forma correta de rezar?

No evangelho, quando se lê a oração do Pai-Nosso, não está escrita a palavra "Amém". Porém, na Eucaristia, é comum ouvir pessoas a concluir a oração com tal expressão.



**Contudo, no Rito da Comunhão, quando se reza o Pai-Nosso, não se deve dizer “Amém” imediatamente ao fim dessa oração.**

De acordo com a liturgia católica, o “Amém” somente será pronunciado no final da oração pela paz. Deste modo, a assembleia, junto com o sacerdote, reza a oração do Pai-Nosso; depois, o sacerdote prossegue com a oração complementar:

"Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz..."

O povo de Deus responde "Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre!". O sacerdote continua: "Senhor Jesus Cristo, dissestes aos Vossos Apóstolos: Eu deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz... Vós, que sois Deus, com o Pai, na unidade do Espírito Santo", somente depois dessa conclusão, feita pelo sacerdote, é que toda a assembleia responde "Amém".

Assim, podemos definir que a oração, no texto do Evangelho, não tem o "Amém", e durante a celebração eucarística, ele é pronunciado apenas depois da oração pela paz. No entanto, fora dessas situações, sempre que rezamos o Pai-Nosso, concluímos a oração com o "Amém". O "Amém" era e continua a ser usado nas orações judaicas e os cristãos adotaram essa forma de concluir as orações e concordar com elas.



Acho que já entendi!  
Afinal o "Amém" não é  
uma pessoa!!!



Em hebraico, a palavra "Amém" está ligada à mesma raiz da palavra "crer", que exprime solidez, confiabilidade, fidelidade. Assim, a palavra pode representar a fidelidade de Deus para com conosco e de nossa confiança nele. O próprio Jesus Cristo é o "Amém" (Ap 3, 14), pois Ele é o "Amém" definitivo do amor do Pai por nós (Catecismo da Igreja Católica, 1061-1065).

De forma mais simples, podemos dizer que "Amém" significa "assim seja", embora o seu significado seja muito mais profundo. É uma forma de expressar a concordância incondicional com aquilo que é proclamado. Dizer "Amém" é concordar com as palavras do Senhor, pronunciadas na oração do Pai-Nosso, no Evangelho e em toda Sagrada Escritura, são dignas de fé, que têm nossa adesão e aceitação.

Ao dizer "Amém", dizemos "assim seja", concordamos e confirmamos que a vontade de Deus se cumpre em nossas vidas, proclamando e renovando a nossa confiança da fidelidade de Deus.

Sendo assim, mesmo que no Evangelho, no final da oração do Pai-Nosso, não apareça a expressão "Amém", certamente os discípulos, ao ouvirem Jesus chamar Deus por Pai, também acolheram essa oração em seus corações, e proclamaram em uníssono: "Amém!". Assim, concordaram com a palavra e o sentimento de que Deus e Pai. Amém!

Já agora a palavra pode ser escrita como "Amém", quando acentuamos a última sílaba ou como "Ámen" quando acentuamos a primeira sílaba.



# Porquê usar incenso na Igreja?



Sim filho! O fumo ajuda a fazer e a conservar o presunto.

Então é por isso que na Missa o Pe. Dionísio e o Sr. Diácono costumam mandar fumo para cima das pessoas? Para conservar a comunidade?

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) lembra-nos que a oração envolve muito mais do que a nossa alma: “De onde procede a oração do homem? Seja qual for a linguagem da oração (gestos e palavras), é o homem todo que ora” (CIC 2562).

Por essa razão, as formas públicas de culto da Igreja contêm vários elementos que são visíveis e envolvem nossos sentidos corporais. Para ajudar a envolver todos os nossos sentidos durante a celebração da Missa, elevando nossos corpos e almas a Deus, a Igreja, durante séculos, usou o incenso como um sinal exterior importante.

O incenso era uma parte vital da adoração para muitas religiões antigas, incluindo o culto judeu de Deus. No Tabernáculo, assim como no Templo, Deus ordenou que um “altar de incenso” fosse construído. Deus mandou também que Aarão, o sumo sacerdote, queimasse “perpetuamente, de geração em geração, perfumes a arder na presença do Senhor” (Êxodo 30:8). A frase mais conhecida que menciona o incenso no Antigo Testamento também está ligada a essa tradição: “Suba junto de ti a minha oração como incenso, e as minhas mãos erguidas como oferenda da tarde” (Salmos 141:2). Outra passagem bíblica que remete ao incenso, ocorre em Mateus 2:11, na qual o incenso foi um dos presentes dado ao menino Jesus por um dos três reis magos por ocasião do seu nascimento: “entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.”

Os cristãos rapidamente adotaram o uso do incenso e, à luz das passagens descritas acima, o significado primário por trás do uso do incenso é simbolizar as nossas orações que se elevam a Deus.



## O Turíbulo

É um objeto onde o incenso é queimado. São usados quatro vezes numa cerimónia normal: Entrada, Evangelho, Ofertório e Consagração. Também pode ser usado em outras partes dependendo do tipo da celebração.

## A Naveta

É um pequeno recetáculo onde é guardado o incenso que é usado no Turíbulo. Vem acompanhado de uma pequena “colherinha” que o celebrante usa para colocar as pedras de incenso dentro do Turíbulo.

## O Incenso

O incenso é composto por materiais provenientes de plantas aromáticas, muitas vezes combinados com óleos. Ele é usado em cerimónias religiosas, rituais de purificação, aromaterapias, meditação, para a criação de um estado de espírito e até para mascarar algum mau odor. O uso do incenso teve origem no Antigo Egito, onde as resinas de goma e as resinas oleosas de árvores aromáticas foram importadas das costas da Arábia e da Somália, para serem usadas em cerimónias religiosas.





# Passatempos

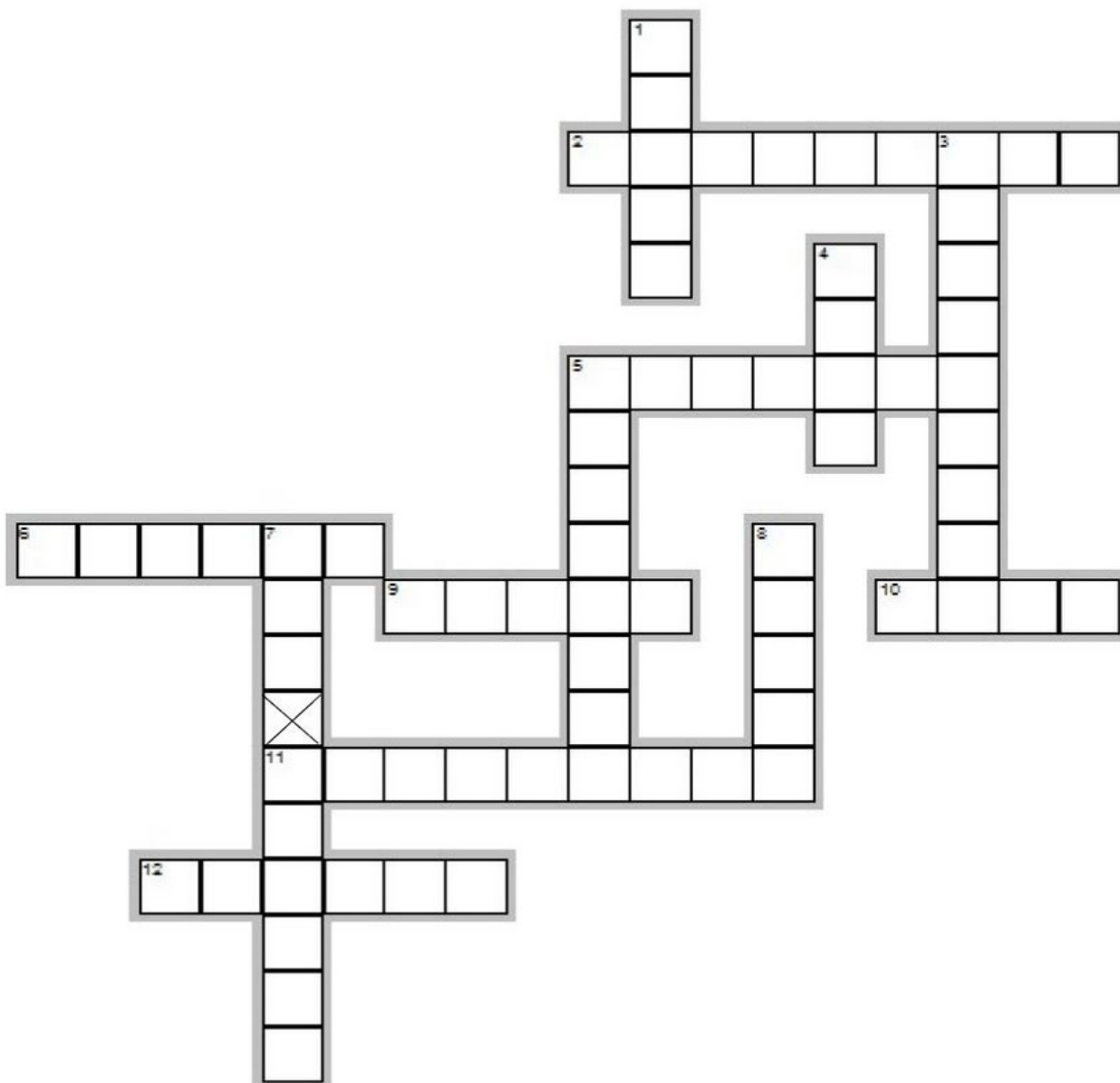


## Horizontal

2. Jesus viveu nesta cidade, junto ao lago (Mt 4, 13)
5. Lugar onde viviam Marta, Maria e Lázaro (Jo 11, 1)
6. Nela viveu até aos 30 anos (Mt 2, 23)
9. Aldeia em que se encontrou com a samaritana (Jo 4, 4)
10. Onde ressuscitou o filho da viúva (Lc 7, 11)
11. Capital da Palestina (Lc 24, 13)
12. Ali curou o cego Bartimeu (Mc 10, 46)

## Vertical

1. Apareceu a 2 discipulos quando iam a caminho dessa aldeia (Lc 24, 13)
3. Cidade em que vivia José, o que ajudou a dar sepultura ao corpo de Jesus (Lc 23, 50)
4. Estando no casamento realizou o seu primeiro milagre (Jo 2, 11)
5. Daqui eram naturais Filipe, André e Pedro (Jo 1, 44)
7. Onde foi batizado por João (Mt 3, 13)
8. Lugar onde Jesus nasceu (Lc 2, 4-7)







## O “Cantinho” do Papa: o Paraíso.

A caminhada da vida passa inexoravelmente pelo momento da morte. De outros. Dos nossos. Da nossa. Recolhamos neste número a visão singular do Papa sobre a promessa do Paraíso após a morte, contida da sua última Catequese sobre o tema da esperança cristã.

“«Paraíso» é uma das últimas palavras pronunciadas por Jesus na cruz, dirigida ao bom ladrão. Detenhamo-nos um momento sobre aquela cena. Na cruz, Jesus não está sozinho. Ao seu lado, à direita e à esquerda, há dois malfeitores. Talvez, passando diante daquelas três cruzes erguidas no Gólgota, alguém suspirou aliviado, pensando que finalmente a justiça tinha sido feita, entregando à morte pessoas como elas.

Ao lado de Jesus há também um réu confesso: alguém que reconhece ter merecido aquele terrível suplício. Chamamo-lo “bom ladrão”, o qual, opondo-se ao outro, diz: recebemos o que mereceram os nossos crimes (cf. Lc 23, 41) No Calvário, naquela sexta-feira trágica e santa, Jesus chega ao extremo da sua encarnação, da sua solidariedade para conosco, os pecadores. Ali realiza-se quanto o profeta Isaías tinha dito sobre o Servo sofredor: «E foi contado entre os malfeitores» (Is 53, 12; cf. Lc 22, 37). É precisamente no Calvário que Jesus tem o último encontro com um pecador, para abrir de par em par as portas do seu Reino. Isto é interessante: é a única vez que a palavra “paraíso” aparece nos evangelhos. Jesus promete-o a um “pobre diabo” que no madeiro da cruz teve a coragem de lhe dirigir o mais humilde dos pedidos: «Lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino!» (cf. Lc 23, 42). Não tinha boas obras para apresentar, nada possuía, mas confia-se a Deus, que reconhece como inocente, bom, tão diferente dele (v. 41). Foi suficiente aquela palavra de arrependimento humilde, para sensibilizar o coração de Jesus. O bom ladrão faz-nos lembrar a nossa verdadeira condição diante de Deus: que somos seus filhos, que Ele sente compaixão por nós, que Ele está desarmado todas as vezes que lhe manifestamos a nostalgia do seu amor.

Nos quartos de muitos hospitais, ou nas celas das prisões, este milagre repete-se inúmeras vezes: não há pessoa alguma, por quanto tenha vivido mal, à qual só lhe resta o desespero e à qual seja proibida a graça. Diante de Deus apresentamo-nos todos de mãos vazias, um pouco como o publicano da parábola que tinha parado para rezar no fundo do templo (cf. Lc 18,13). E todas as vezes que um homem, fazendo o último exame de consciência da sua vida, descobre que as faltas superam de forma considerável as boas obras, não deve desanimar, mas entregar-se à misericórdia de Deus. E isto dá-nos esperança, abre-nos o coração! Deus é Pai, e até ao último instante espera o nosso retorno. E ao filho pródigo, que regressando começa a confessar as suas culpas, o pai fecha-lhe a boca com um abraço (cf. Lc 15, 20). Este é Deus: ama-nos deste modo!

O paraíso não é um lugar de fábula, nem sequer um jardim encantado. O paraíso é o abraço com Deus, Amor infinito, e entramos nele graças a Jesus, que morreu na cruz por nós. Onde há Jesus, há misericórdia e felicidade; sem Ele há frio e trevas. Na hora da morte, o cristão repete a Jesus: “Recorda-te de mim”. E mesmo se não houvesse mais ninguém que se recorda de nós, Jesus está ali, ao nosso lado. Quer levar-nos para o lugar mais bonito que existe. Deseja levar-nos lá com aquele pouco ou tanto de bom que houve na nossa vida, para que nada seja perdido do que Ele já tinha redimido. E para a casa do Pai levará também tudo o que em nós ainda precisa de ser resgatado: as faltas e os erros de uma vida inteira.

Esta é a meta da nossa existência: que tudo se cumpra e seja transformado em amor. Se acreditarmos nisto, a morte deixa de nos amedrontar e podemos também ter a esperança de partir deste mundo de maneira serena, com muita confiança.

Quem conheceu Jesus, já nada teme. E poderemos repetir também nós as palavras do Velho Simeão, também ele abençoado pelo encontro com Cristo, depois de uma vida inteira consumida em expectativa: «Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a Vossa salvação» (cf. Lc 2, 29-30).

E naquele instante, finalmente, já não teremos necessidade de nada, já não veremos de maneira confusa. Já não choraremos inutilmente, porque tudo passou; também as profecias, inclusive o conhecimento. Mas o amor não, esse permanece. Porque «a caridade jamais acabará» (cf. 1 Cor 13,8).”

*In 38.ª Catequese do Papa Francisco sobre a Esperança*

*Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:*



### Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Comunidade pode utilizar:

**Igreja da Santíssima Trindade**  
Paróquia de Santa Maria  
Pr. Francisco Sá Carneiro,  
6200-840 Covilhã

(+351) 275 098 215

[ig.sant.trindade@gmail.com](mailto:ig.sant.trindade@gmail.com)

Ou pessoalmente na  
Secretaria da Igreja